

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

*As missões do Ultramar e o snr. dr. Pires de Lima*, pelo padre Senna Freitas.—**SECÇÃO RELIGIOSA:** *Vinte e cinco por cento. Aos cem dispartes dos protestantes, vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia*, pelo padre Radomackor.—**SECÇÃO LITTERARIA:** *A escola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha*, pelo padre F. Sanchez; *Atravez do jornalismo*, por um Vimaranesense.—**O CLERO NA CAMARA DOS DEPUTADOS:** *Discurso de s. exc.ª rev.ª o snr. dr. Pires de Lima, na sessão de 15 de maio.*—*Retrospecto da quinzena*, por J. de Freitas.

## GUMARÃES. 15 DE JULHO

### As missões do Ultramar e o snr. dr. Pires de Lima

O acontecimento mais importante da actualidade creio poder asseverar que são os discursos em tanta maneira notaveis do snr. dr. Pires de Lima, governador do bispado d'Aveiro.

O orador parlamentar, inspirando-se n'um nobilissimo pensamento qual o que faz pulsar o coração do sacerdote e o coração do patriota, veio á camara dos deputados e dissertou largamente sobre a absoluta necessidade do melhoramento das nossas possessões ultramarinas pela missão civilisadora do padre. O parlamento ouviu commovido o verbo independente, franco, sensato e auctorizado do eminente membro do clero e cobriu-o de ovações; o paiz ouviu-o tambem atravez do echo da imprensa e applaudiu-o nos recessos da consciencia subjugada por tão irrefragaveis verdades apresentadas com a grande luz dos espiritos que vêem claramente as cousas.

S. ex.ª desenrolou o quadro doloroso, ou antes o sudario da condição impossivel á for.ª de precaria que se tem imposto aos nossos missionarios no ultramar, o quadro digno, do estado altamente deploravel em que vivem os nossos compatriotas d'além-mar relativamente aos socorros da religião, da vergonhosa indolencia do governo portu-

guez em abastecer de clero essas possessões, das disposições hostis com que n'algumas d'ellas foram acolhidos os missionarios portuguezes, e das generosas propostas do Santo Padre em ordem a melhorar o estado religioso das nossas colonias, etc. Defrontou a nossa inqualificavel incuria ou melhor má vontade com o admiravel e sorprendente procedimento da Inglaterra protestante sustentando missionarios catholicos em paizes infieis, appellou para o grandioso exemplo da França enviando missionarios para toda a parte do mundo e particularmente para as suas colonias, e atirou corajozo á face dos ministerios a antithese da sua indifferença systematica, recusando as nossas possessões do ultramar o mais efficiente dos elementos civilisadores que transformariam a sua sorte, o missionario.

E por sem duvida. O homem não vive só do pão, vive tambem da palavra de verdade, e esta sobreleva tanto mais áquelle quanto o pão animico sobreleva ao alimento material, por isso que corresponde á satisfação das mais nobres necessidades do homem. Em quanto o governo fór simplesmente christão, não pôde esquecer-se de que, se o commercio, a industria, a policia, a instrucção secular formam o homem civil, dão o lustre da civilisação exterior ao selvagem d'hontem, á religião e só á religião pertence crear o homem moral, o homem da verdadeira honra, o homem probo, virtuoso que sabe elevar-se á pura noção do dever e a essês tão doces quanto sublimes principios christãos que têm a sua base na fé que é a vida do homem presente e na caridade que é a cuspide e a consummação do seu destino prolongando-se além do pó da campa aos páramos da vida futura.

Ha muito tempo que a camara estava desacostumada a ouvir fallar com a rispida franqueza com que fallou o distincto deputado. A verdade sem rebugo, a clareza transparente, a independencia sacerdotal, o encendido amor da patria caracterisam os notaveis discursos do snr. dr. Pires de Lima. Seria demasiada distração omittir n'esta enumeração de qualidades o singular conhecimento do assumpto que elle revelou, dando-nos preciosas noticias, que não convinha ficasse sob o alqueire,

mau grado a ignominia de que ellas cobrem os seus auctores.

Pela primeira vez se metteu bem fundo o dedo n'uma das mais profundas chagas que enfermam este velho doente que se chama Portugal; era tempo. Os discursos do snr. dr. Pires de Lima ficam registrados ainda mais na memoria de todos os genuinos catholicos do que nas ephemerides do jornalismo; levantam um marco milliario na chronica anchamente banal de parlamentarismo portuguez; são um acontecimento e uma gloria para o insigne homem do clero que no seio d'aquella assembleia ousou lavrar um energico protesto contra um desleixo de meiado seculo que attinge as feias proporções d'um crime.

Mas s. ex.ª podia ter dito a ultima palavra do assumpto e sinto que a não dissesse. Pronunciou só uma vez, quasi a medo, valendo-se até de uma phrase d'um amigo seu, o termo—frade.—Preferira eu que accentuasse com vigor e destemor a necessidade da missão, mas da missão feita pelo frade. E' a solução d'essa melindrosa questão, e s. ex.ª pareceu esquivar-se. Fez muito, applaudo-o calorosamente, mas não deu o ultimo passo. *O missionario do ultramar é e só pôde ser ofrade.* Escrevo-o com o accento de uma inabalavel convicção, e com toda a hombridade que ella pôde comunicar á penna do escriptor. Quizera aqui dar uma inflexão mais alta á minha palavra se ella fosse fallada que não escripta, mas basta que falle tão alto quanto falla a imprensa jornalistica. Queremos o frade, e não o padre secular; dê-nos o governo o frade, não core de emendar a mão á estulticia que commetteu roubando-o á civilisação de Portugal; core só d'esto destempero politico. Queremos o frade, porque o frade é o homem do sacrificio, da dedicacão inacessivel aos molles costumes do padre secular; o homem da obediencia votada, que morre nos climas inhospitos sem arredar pé de seu posto d'honra; o homem que evangelisando os povos não faz mais que realisar as suas mais sollemnes promessas juradas aos pés do altar entre as mãos do seu superior, o homem affeito á immolação continua da própria vontade, e nutrido nos bellos heroismos do zelo; o homem do borel e

do crucifixo, do cosmopolitismo christão e da humanidade.

Não foi o padre secular vinculado á familia, demasiado sensível ao amor do patrio minho, e ás aspirações dos cargos honrosos que desbravou a Asia e a Africa portuguezas, foi o filho de S. Francisco, de S. Bento e de Santo Ignacio de Loyola. O passado ergue-se para lhe advogar os direitos e reintegrar-o na posse da sua herança. O governo esbulhou-o dos seus teres, dê-lhe ao menos esses filhos da sua dedicação que elle gerou á Igreja; abra-lhe as portas da missão, que fazendo-o abre ás suas colonias as portas da verdadeira civilisação.

PADRE SENNA FREITAS:

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia.

(Conclusão)

XXII -

OS CATHOLICOS NÃO PODEM NEGAR QUE O SEU CLERO É ALTAMENTE ESCANDALOSO E IMMORAL POR CAUSA DA LEI BARBARA DO CELIBATO

Começaremos por conceder que effectivamente ha sacerdotes catholicos que são o que não deviam ser; mas isto não deve admirar, porque são homens, e entre os mesmos Apostolos houve um Judas. Mas notem os protestantes e companhia duas cousas. A primeira, que os poucos sacerdotes catholicos que passam aos protestantes, sempre são d'esses: isto é dos mais immoraes.

Não nos apontarão jámais um sacerdote catholico honesto e virtuoso que se tenha feito protestante, porque aos sacerdotes honestos e virtuosos não lhes dá o prurito de se cazarem.

Luthero, frade apostata, fez-se protestante para cazar com uma freira sacrilega.

A segunda, que se se contassem os escandalosos entre as pessoas não celibatarias, o numero d'estes seria (ainda mesmo proporcionalmente) muito superior aos dos celibatarios.

Quem alimenta nos grandes povoados a hedionda chaga da publica prostituição? Por certo que não são os sacerdotes catholicos.

Emquanto ao chamar barbara a lei do celibato ecclesiastico, chamem os protestantes barbara á Biblia que aconselha, quando diz:—O que casa sua donsella faz bem, mas o que a não caza faz melhor. (I Corint. 7, 38). Dizem que S. Pedro era cazado: a esse respeito pode haver duvida. Pela Biblia consta-nos só que o fôra, pois tinha sogra (Luc. 4, 38), podia muito bem ser viuvo. Mas isto que provaria? Que a lei do celibato é meramente disciplinar. Isso já o sabemos; mas é uma disciplina estabelecida pela Igreja e em harmonia com os conselhos de S. Paulo, consignados na Biblia. Pois, fallando do matrimonio, com certeza fallava aos que se conservassem virgens como elle. (I. Corint. 7, 6 e 7.). Mas acabemos! Quebrem os protestantes seus pastores casados? Que lhes faça muito bom proveito! Nós os catholicos não queremos sacerdotes cazados, porque entre marido e mulher não ha segredos, e nós, que temos o sacramento da Confissão, não sabemos como nossos segredos estarão seguros, quando passarem da bocca do confessor aos ouvidos da sua espoza.

XXIII

MAIS BARBARA E MAIS PREJUDICIAL Á SOCIEDADE É A INSTITUIÇÃO DA PROFISSÃO RELIGIOSA

Se a profissão religiosa é cousa barbara e prejudicial á sociedade, queixem-se os protestantes de Jesus Christo, porque foi Elle quem a aconselhou, segundo lêmos na Biblia: *Se queres ser perfeito vae, vende o que tens, vem e segue-me* (Math. 19, 21). *O que deixa sua casa, irmãos, etc. receberá o centuplo e possuirá a vida eterna* (Ibid. 29).

Se os protestantes não gostam d'isto, tenham paciencia.

XXIV

NÃO É NECESSARIO NADA D'ISTO PARA NOS SALVARMOS: BASTA CRER E SER BAPTISADO

(Marc. 16. 16.)

Se se entender por isto, que em these geral não é necessario ser frade ou freira para se salvar, convimos: ainda que nos casos particulares, diz a Biblia que cada um está obrigado a *seguir sua vocação* (Corint. 7., 20.)

Mas, se os protestantes julgam que para se salvar basta crer sem necessidade do praticar boas obras, isso é disparate magno, porque seria abrir a porta do céu a toda a classe de picaros e a Biblia diz que: *nem os fornicadores, nem os que adoram idolos* (por exemplo ao deus dinheiro), *nem os adul-*

*teros, nem os libertinos, nem os sodomistas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os ebrios, nem os murmuradores, nem os raptos possuiriam o reino do céu* (Corint. 6, 7 e 10). O texto de S. Marcos, (Marc. 16, 16) que os protestantes costumam citar, para deitar pó aos olhos do nosso simples e ingenuo povo e fazer-lhe acreditar o seu erro, prova muito bem contra os mesmos, senão vejamos:

O santo evangelista disse que para salvar-se era necessario crer:—*O que crer e for baptisado salvar-se-ha*—(Ibid.); mas como crêem os protestantes? Em primeiro logar a *fé sem obras é morta* (Jacob. 2, 17), disse Santiago; em segundo logar, a verdadeira fé é uma e indivisível; quem nega alguma das verdades, já pecca contra a fé, já não crê tudo o que deve crer. As verdades reveladas (segundo os mesmos protestantes) estão todas na Biblia; ora se elles rejeitam alguma das verdades Biblicas, evidentemente não crêem tudo o que devem crer.

Temos mostrado que todas as verdades catholicas, negadas pelos protestantes, se fundam na Biblia; logo é claro que não crêem o que devem crer. Estupenda logica! A serem coherentes, os protestantes acabarão por protestar contra sua propria doutrina.

XXV

OS CATHOLICOS SÃO UNS INTOLERANTES.

EM TODAS AS RELIGIÕES É POSSIVEL A SALVAÇÃO. NÃO QUERER A LIBERDADE DE CULTOS É NÃO TER CARIDADE

Os catholicos são intolerantes para com o erro e falsidade: é certo que o são, e não podem deixar de o ser, porque a luz é incompativel com as trevas, a saude é inconciliavel com a enfermidade porque uma cousa não pode ser e não ser ao mesmo tempo.

Não obstante os catholicos são tolerantes, tolerantissimos, e podem a Deus todos os dias pelos pobres protestantes; do mesmo modo que os são procuram alliviar os enfermos, tendo compaixão d'elles, e de maneira alguma odio; mas uma cousa é desejar o bem, o verdadeiro bem aos que estão no erro e seguem a falsidade, e outra oppor-se a que os protestantes façam propaganda de seus erros e falsidades, enganando o ingenuo e singelo povo com sofismas.

Semelhante cousa seria pretender que o erro tivesse os mesmos direitos, que a verdade.

Teria graça o abolirem-se as quarentenas para não obstar a que a cholera-morbus etc. se propagasse.

Os catholicos não podem de maneira alguma conceder direitos á falsidade, sabem perfeitamente que Jesus Christo disse:— *quem não está commigo, está contra mim*—(Luc. 11, 23); sabem muito bem pela mesma Biblia a maldição que peza sobre os que *escandalizam os pequenos*—(Math. 18, 6), e por isso não podem tolerar que os protestantes ensinem suas mentiras ao povo, e estabeleçam escolas ensinando suas heresias ás innocentes creanças d'um povo catholico. Tal tolerancia, longe de ser uma obra de caridade, seria um delicto.

Pretender que todas as religiões sejam boas, importa nada mais nada menos, um absurdo, uma injuria contra Deus, como se a Elle fosse indifferente o acreditar-se em tudo o que nos ha revelado, ou nas loucuras que os homens tem inventado contra sua infinita verdade. A *verdade* não pode ser mais que *uma*; as falsidades são sempre *muitas*.

Terminemos pois: *Protestem* os protestantes contra o que lhes parecer. Nós catholicos protestamos contra as injurias que fazem a Deus, á Biblia, e ao senso-commum. Deus lhes abra os olhos, e os converta, e preserve o nosso povo de seus enganosa!

PADRE RADEMAKER.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A escola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha

(Conclusão)

Invejo a Madrid o seu museu de pinturas. E' este um peccadilho de que tarde me arrependerei, por que espero em Deus nunca se apagará em mim o justo sentimento de patriotismo que me induz a commettel-o.

Quem depois de ter percorrido os nossos museus de Lisboa e Porto, em que raro se nos depara uma obra de mão de mestre e entra pela primeira vez no museu *del Prado*, onde esplendem soberbas telas hespanholas, italianas, flamengas, hollandezas, allemãs e francezas, devéras sente apertarse-lhe o coração ao vêr tanta riqueza sendo nós tão pobres.

Ninguem ignora a efficaz influencia dos bons mod'los no cultivo e aperfeiçoamento das bellas-artes; sendo este o motivo por que não posso vêr a olhos enxutos a miséria dos no-sos museus.

Não é um ou outro quadro de auctor célebre, que aproveita aos progressos da arte; mas sim a variedade de escolas, de assumptos, de maneiras e estylos.

N'um estuda o artista a correcção do desenho, n'outro a doce e suave expressão; aqui namora-se do brillantismo e harmonia do colorid', além dos deslumbrantes effeitos do claro-escuro; n'este prende-lhe

a attenção a diaphaneidade do ceo e a transparencia das tintas, n'aquelle o lançar dos pannejamentos accusando as formas delicadas; mais além é a graça da composição e ainda mais além a concepção arrojada.

Só depois de percorrida a escala do gosto é que o artista, nas horas de dar á luz, combina as notas que mais o impressionaram e que melhor assimilou; reune-as, agrupa-as, associa-as n'um todo perfeito, sem deixar de imprimir nas suas produções o cunho da sua individualidade e originalidade, em harmonia com o meio social e tradições nacionaes.

A falta que nós temos d'uma escola de pintura, pois a de Grão-Vasco foi abandonada pelas imitações italianas e francezas, bem como de talentos artisticos, tornava-se bem sensível na Exposição Universal de 1878.

Nunca me senti tão vexado como quando entrei na pequenina e modesta sala, dividida a meio entre Portugal e a Grecia, e reservada para exposição de bellas-artes.

Entre dezenas de quadros primorosos de todas as nações que se fizeram representar n'esta secção, nós expunhamos ao mundo civilisado uma duzia de quadros de microscopico merecimento!

Pobre Portugal!

Não era mil vezes melhor que te expozessem á luz do teu bello sol, á sombra de tuas copadas arvores, banhadas por teus poeticos rios, tudo aureolado por tuas gloriosas tradições, do que obrigarem-te a ostentares em publicos certames andrajosos vestidos que mais provocam o riso do que a compaixão?

Mas cõrramos um veio sobre as misérias da minha querida patria, digna de melhores destinos, o penetremos os umbraes d'esse santuario da arte, chamado museu *del Prado*, onde melhor que em parte alguma se pode fazer uma idéa da brilhante florescencia da pintura hespanhola.

Nascida ao calor da Igreja catholica em fins da idade-média, a pintura em Hespanha apropriando-se dos progressos bem entendidos do renascimento, conservou sempre o cunho nacional e crente que a distingue e lhe dá um dos lugares mais eminentes entre as differentes escolas.

Soube com fino tacto estudar a classica antiguidade e as obras que n'ella se inspiravam, sem retroceder a ideaes obsoletos.

«Ao passo que na Italia, diz Luciano Cordeiro, a renascença classica, encontrando uma tradição vigorosa da antiguidade, interrompia ou desviava a evolução artistica do christianismo, a arte hespanhola saiu lentamente e tranquillamente da sua ingenua e tímida rudeza christã sem perturbações de novos ideaes, tirando de si, do seu meio, da sua creança as suas inspirações e os seus modelos...»

Estes dois elementos:—o idealismo e até o mysticismo catholico,—e o realismo ou o naturalismo,—em parte alguma se alliarão como na arte hespanhola indubitavelmente.

Costuma dizer-se, e é até certo ponto verdadeiro, que Raphael representa a mais perfeita alliança do espiritalismo christão e do idealismo plastico da antiguidade.

Não é porém contestavel que a belleza

plastica de um Adonis ou de uma Venus, que subjugava os deuses e incendiava o Olympo em desejos sensuaes, possa traduzir a idéa de Virgem-Mãe ou de um Christo-Redemptor e Crucificado?»

E u digo que é mais do que contestavel, pois affirmo que são ideaes completamente antinomicos e que mutuamente se repellem.

E', todavia, certo que ao passar-se em revista os quadros mais caracteristicos das escolas de Sevilha e Madrid, facilmente se descobre n'elles um certo naturalismo alliado ao mais grave espiritalismo christão.

Não é, porém, o naturalismo pagão e sensual da escola classica que embriaga os artistas hespanhoes, catholicos sinceros e fervorosos.

Estudam de preferencia a natureza, o meio em que vivem e a sociedade que os rodeia; incendem-se na fé que os inspira; absorvem-se na contemplação profunda dos feitos e virtudes de seus heroes; inebriam-se finalmente no suave mysticismo catholico, que circunda a fronte dos seus personagens d'uma aureola de virtude e santidade.

Todavia não me deixo a tal ponto embellezar com a pintura hespanhola, que não lhe reconheça alguns senões n'essas mesmas tendencias algumas vezes demasiado realistas de que os principaes chefes nos deixaram modelos acabados e perfeitos.

Sei que ha um realismo innocente, inoffensivo á moral, que retrata os costumes ingenuos do povo *daprés nature* com uma verdade surpreendente, e que apanha por assim dizer a sociedade em flagrante: mas sei tambem que estas photographias da sociedade, cujo grande merito é a verdade real, occupam um lugar muito secundario na arte, por não brilhar n'ellas a sublimidade e originalidade da concepção que eterniza, mas simplesmente a habilidade da execução que copia.

E se é certo que resvalaram n'estes baixos alguns dos maiores genios da pintura hespanhola, não é menos certo que d'elles foram resgatados pelo profundo sentimento religioso e moral de que repassaram os seus melhores quadros.

Sempre a mesma fé viva, ardente e apaixonada; quer nos abram as portas do ceo deixando-nos vêr a fronte radiante d'esses eleitos do Senhor, que junto ao seu throno já gosam da visão beatifica; quer em seus quadros nos pintem a dôr religiosa com tãõ verdadeiras e acertadas côres que o homem ao contemplal-os sente o coração estalar-lhe meio a meio, como a arvore lascada do raio.

Nada de paganismo. A religião catholica é o seu lemma.

E se da pintura passarmos á litteratura, ahi encontraremos os mesmos caracteristicos, as mesmas tendencias, o mesmo espirito que a anima e faz viver vida sua e independente da escola classica.

O christianismo, religião iminentemente social e civilisadora, exercendo sua benéfica influencia sobre todas as provincias do saber e da actividade humana, creou logo desde o seu estabelecimento um novo espirito e vida litterarias.

«A formula sensual e terrena do pagão, diz Rebello da Silva, morreu no dia

em que a primeira gota de sangue do martyr se imbebeu nas areias do amphitheatro para consummar o sacrificio,—que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e santo.....

Rasgou-se o veo do templo e veio a regeneração da arte a par da regeneração do homem.»

E na verdade florente e vicejante foi o campo, n'esses seculos que a ignorancia alcinhou de barbaros, cultivado por numerosa pleiade de poetas christãos, que, aquecendo o estro ao calor do santuario, ostentaram todas as galas de uma poesia, doce, melancolica e resignada, evolvendo-se em suaves perfumes para a fonte de toda a verdade, de toda a justiça e de toda a belleza.

Juvenicio, que mereceu ter por admiradores do seu poema S. Jeronymo e S. Isidoro de Sevilha; Lactancio, o Cicero christão, poeta tocante e pathetico; S. Hilario de Poitiers, o denodado campeão da fé; S. Damaso, a quem S. Jeronymo chama o Doutor virgem da Igreja virgem; S. Ambrosio, o sabio bispo de Milão; Prudencio, o principe dos poetas christãos; S. Agostinho, a aguia de Hippona; S. Bernardo, o cantor inexcedivel da Virgem; S. Boaventura, o Doutor seraphico; e para terminarmos, S. Thomaz, o Anjo da escola, foram outros tantos poetas que em sublimes estrophes celebraram as glorias do catholicismo.

E que outro poeta excedeu em verdade de expressão e terrorifica energia a mais que sublime composição do *Dies irae* que inspirou a Mozart as notas mais profundamente tetricas que se tem ouvido?

Quem mais alto se elevou e com mais vivas cores soube pintar as angustias dilacerantes da Virgem-Mãe com o coração traspasado das sete espadas da dor junto á cruz de seu Filho exanime, do que o inspirado poeta do *Stabat mater*, a perola de mais subido preço que Pergoleso e Rossini engastaram na sua corda de artistas?

E se d'estas regiões de purissima luz abatermos o vôo e mais nos convisinhamos da terra, que bem exploradas minas de poesia christã se nos deparam na epopèa mystica do S. Gral, na Divina Comedia do Dante e nos dramas de Shakespeare!

Com que admiravel senso christão o poeta soberano, que tomou por guia a Virgilio na sua excursão atravez do Inferno e do Purgatorio, ao entrar no Paraiso se despede do cantor da Encida para receber um novo interprete, a sua candida Beatriz, symbolo da Theologia! E' porque ao genio do paganismo era vedado o ceo dos christãos.

Surge porém o seculo XVI e a idade média, essa epoca creadora e de reconstrução social, é condemnada como uma epoca de trevas, que tinha feito recuar o espirito aos tempos da barbarie.

Uma nova litteratura, pondo de parte os marcos miliarios da civilisação christã e as limpidas fontes de poesia que d'ella manavam, embrenha-se nas civilisações da Grecia e Roma; e as suas instituções, costumes e crenças são reproduzidas com fieis cores. Renasce o espirito pagão á sombra da escola classica.

A forma exterior obsorve todas as atenções; o ardor dos sentidos embriaga os poetas, e a poesia, essa branca pomba dos nossos enlevos, despenha-se das alturas a que o christianismo a tinha elevado para manchar-se na lama das nossas misérias.

D'esta abjecção salvou-se a litteratura hespanhola recordando as suas tradições e consultando as suas crenças.

Para mim uma das maiores glorias dos seus poetas é o terem sobrenadado á torrente do ideal grego, solta pela renascença, conservando-se fieis admiradores e cultores do ideal religioso e moral do Catholicismo, syntese do espirito e genio nacionaes.

Foram grandes, por que comprehendiram o meio em que viveram e a atmosfera que respiravam.

Não retrocederam a idades passadas á procura de ideaes já gastos e condemnados a somno eterno pela deslumbrante luz do christianismo; pelo contrario aprofundaram mais os sulcos que este tinha aberto nas consciencias e na arte.

E', porém, com verdadeira magoa que vejo a Hespanha moderna arredar-se em parte da gloriosa senda trilhada por seus maiores.

O catholicismo, essa religião toda sobrenatural, que aleventa o homem do mundo dos sentidos e da materia ás vivas scienciações da eterna bemaventurança, foi o motor dos heroicos feitos e o inspirador das brilhantes produções artisticas e litterarias, de que justamente se ufana esta nação, a mais dilecta das filhas da Igreja.

E' justo, pois, que os poetas e pintores de hoje não desdigam da herança e exemplos que lhes legaram S. Thereza e S. João da Cruz, Zurbaram e Murillo.

PADRE F. SANCHES.

### Atravez do jornalismo

#### CEZAR CANTU E O IMPERADOR DO BRAZIL

Lemos ha poucos dias na *Unitá Catholica*:

«O imperador do Brazil escreveu a Cezar Cantu:—«Vi nos jornaes que o seu Rei honrou as letras italianas nomeando-o senador. O renascimento italiano tem necessidade de tão nobres cooperadores, e espero que v. me dará sempre informações dos verdadeiros progressos da sua patria.»

Esta só do imperador do Brazil! Bem se vê que Sua Magestade não conhece Cezar Cantu, nem conhece a sua ultima e magnifica obra *Cronistoria d'Italia*. A *Unitá* acrescenta:

«Não sabemos que jornaes costuma lêr o imperador D. Pedro; mas sabemos que se alguém se lembrasse de offerecer a Cezar Cantu o posto de senador em Roma, não o acceptaria, como não aceitou ha pouco a candidatura a deputado que lhe foi offerecida pelo Collegio de Chiari.»

Cavalloti, o celebre Cavalloti, a quem ha pouco o *heroe dos dous milhões*, Garibaldi, dirigiu uma poesia nihilista, contra «palacios e templos, thronos e altares», aca-

ba de se bater em tres duelos, um após o outro. Apenas soffreu algumas arranhaduras. Assim o lêmos na *Unitá* de 27 de maio. E chama-se civilisação e... honraria ao que não passa de brutalidade e ridicularia!

*O povo soberano e Victor Hugo.*—O que é o povo soberano?—E' um imbecil.

A definição é de um republicano das *pontinhas*, do grande Victor Hugo (assimilhando-se n'isto ao nosso Latino Coelho, segundo se vê do *Liberalismo desmascarado*, —livro que os senhores liberaes trazem atrancado na garganta). Poucos dias antes da votação do povo suizo o poeta escrevia a um deputado do *Cantão de Vaud*: «Conservar o patibulo é uma barbarie; restabelece-lo, seria imbecillidade—*ce serait de l'imbecillité.*»

Ora o povo soberano suizo restabeleceu o patibulo. Por conseguinte é um imbecil, segundo Victor Hugo. O que dirão a isto os *democraticieiros* da nossa terra?

*Ouçam!*—N'uma correspondencia de Cochim, depois de se fallar da volta de dous missionarios da India portugueza, que tinham ido a Trichoor para ver se convertiam alguns schismaticos malabarenses, dos que abandonaram com o Catholicismo o nosso padrao, lê-se:

«Tivomos occasião de fallar com os mesmos missionarios e soubemos com verdadeira satisfação, que muitos dos mellusianos (sectarios do schisma de que alli é chefe o bispo intruso chamado Mellus), ainda dos mais tenazes, estão dispostos a voltar á obediencia da Santa Egreja, se bem que, infelizmente, sob uma condição que vae de encontro com uma ordem terminante do exc.<sup>mo</sup> primaz do Oriente. E' o arbitrio de pertencerem a qual das duas jurisdicções, portugueza ou verapolitana (isto é, da Propaganda...) a sua exigencia á que alludimos, e para satisfazer esta não estão authorisados os sobreditos missionarios.

Não sabemos se será facil satisfazer-lhes a exigencia: entretanto, pois que se trata d'uma questão de grande momento e que é de nada menos que de acabar com um schisma, seria para se desejar, segundo o nosso fraco modo de pensar, que de commum accordo entre as duas jurisdicções se tratasse de vêr se d'algun modo lhes poderia ser satisfeita a exigencia, semelhantemente como se fez quando veio cá o commissario pontificio, o exc.<sup>mo</sup> arcebispo Saba, a fim de circumscrever os limites das jurisdicções na occasião de schisma do Mar Thomaz.

Estão n'estes termos as cousas de Trichoor. Entretanto é preciso confessar que, em geral não só nos mellusianos, mas ainda nos mesmos que perseveram na obediencia á Santa Sé, se denuncia um desejo pronunciado de terem um bispo do seu rito. Este desejo será porventura justificavel á primeira vista, mas seguramente offerece não poucos inconvenientes.»

*Cristas liberangas abaixo.*

Para mostrar como se faz a operação aqui traduzimos um trecho das Conferencias do actual Bispo d'Albenga:

«E' noite: dentro de espaçosa sala está uma reunião de livres pensadores. Depois

do sussurro que acompanha o entrar dos socios, reina profundo silencio. O presidente senta-se na maior cadeira, e cada um dos irmãos na sua. O pensamento na frente dos livres pensadores, por ora está mudo; antes parece sepultado. Todos calam-se e esperam. Mas, lida a acta da ultima sessão, começa-se a discussão, a qual é ordenada e tranquillizada. Vai continuando e promette bem: trata-se dos meios de apressar os incrementos da associação.

«Que desgraça! A tranquillidade é de curta duração: aquella assembleia assemelha-se ás praias de certos archipelagos, onde o sorriso do céo é fugitivo, pois muitas vezes alli rompem as tempestades.

«Um homem, que se conservára mudo por algum tempo, levanta-se e pede a palavra. Que face contorcida de livre pensador! O clarão do lustre, que lhe dá de perto sobre a fronte, nol-o revela possuidor de uma furia heroica; tem o rosto afogueado, fumegante o cerebro. E' resolute como um Gracco, indomavel como um Bruto, atrevido como um Espartaco, eloquente como um tribuno de Athenas e de Roma. Eis o que diz elle:

«Vós dizeis: Gloriamo-nos do livre pensar. Os adeptos augmentam-se em redor de vós. Eu vos respondo: Nada de glorias, mas factos. Crêdes vós que todos os facciosos, todos os prevaricadores, aquelles que os padres em sua linguagem chamam *peccadores*, sejam vossos? Oh! elles procedem sem methodo, sem escola, infringem a lei, porque não têm força bastante de observação; mas todavia sentem o remorso. Sentem aquellas vozes que até Nero ouvia junto ao sepulcro de sua mãe. Ora, o remorso os ha-de reconduzir aos braços dos padres e á observancia das primeiras leis. Os livres pensadores devem ser mui diversos: infringir a lei por methodo e por instituto, infringir a lei e não padecer os escrúpulos da consciencia; romper a lei e erguer soberbia a fronte. Estes taes são muitos porventura? Não, são pelo contrario poucos? Interroguem-nos, e veremos que não devemos vangloriar-nos pelo numero dos adeptos, mas abaixar as cristas.

«Dizeis vós: O nosso ensino mais e mais se diffunde: affiança-nos immensa colheita. Não immensa, como pensais, respondendo eu. Oh! nada de chanças, mas factos. E para que illudir-nos? O nosso ensino, por mais excelso que possa ser, a muitos dos philosophos nao agrada. Por exemplo, nós adherimos aquella doutrina hodierna que faz o homem descender do macaco: o macaco homem, entrado na nossa escola, torna-se livre pensador, de livre pensador eleva-se a derribar de seu throno o Deus da Biblia e o christianismo. Ora a gente não sabe comprehender como o bugio se mude em deus; é uma transição nimiamente miraculosa. Também lhe parece que livre pensamento importa costumes livres e com isso se espanta. Para que, pois confiar tanto no nosso ensino? Não vedes as visagens e as zombarias que nos fazem?

«Vós dizeis: Aperfeiçoemos os nossos estatutos, tornemos tão luminoso o conjunto de nossas leis, que vençam todas as trevas do mundo. E eu vos respondo: Nada de leis, mas factos. Não advertis que o multiplicar tanto as leis agrava a nossa contra-

dicção? Se o pensamento é livre, para que o trambolho das leis? para que o peso dos estatutos?»

O orador está no tom mais vehemente da peroração, mas uma trovoadade de vozes, sahindo d'aqui e d'acolá, vem interromper-lhe o discurso.

«Que censura é essa? Porque o irmão surge a invectivar os irmãos? Factos, queis factos; mas que factos?

«—Os factos! (grita agitando-se o orador). Os factos! Não sabeis devéras qual é o facto do livre pensador? E' o *trabuco*. Esqueceste as palavras eloquentissimas de Petrucelli? Não o ouvimos ha pouco na camara italiana exclamar: *Nós devemos armar-nos, porque sem armas não se moralisa um povo?* Não o ouvimos proromper n'aquelle sublime accento: *O arcabuz é o melhor moralizador: Pois bem, com elle eu vos repito: Nem glorias, nem chanças, nem leis; mas a espingarda na mão; a espingarda é o sceptro do livre pensador.*»

—Sim, o trabuco, o veneno, o punhal, o carcere, eis a *ultima ratio* dos illuminados, do liberalismo!..

UM VIMARANENSE.

## O clero na camara dos deputados

Discurso de s. exc.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>

o sr. dr. Pires de Lima,  
governador do bispado de  
Aveiro,  
na sessão de 15 de maio

Esta camara entendeu e muito acertadamente a meu juizo, que, discutindo o orçamento, não se devia limitar apenas a verificar a conformidade das verbas n'elle descriptas com as disposições das leis vigentes, mas que devia ir mais longe e examinar o modo por que estão organizados entre nós os serviços nas varias provincias da administração publica, inquirir os senões e os defeitos que n'estes serviços existem, e ponderar a necessidade de lhes acudir para os attenuar e corrigir com as reformas que os principios da sciencia e as circumstancias dos povos aconsellham, e que as necessidades da nação imperiosamente reclamam.

Eu, seguindo o exemplo dos meus collegas que discutiram o orçamento do ministerio do reino, e o orçamento do ministerio da guerra, entendi também que era esta a occasião opportuna para apreciar o procedimento que o governo da metropole tem tido com relação ás nossas colonias, sobretudo no que respeita á administração ecclesiastica. Entendi que era este o lugar mais opportuno, apesar de haver um orçamento especial do ultramar, porque n'esse orçamento especial não ha lugar algum onde eu pudesse apresentar estas considerações geraes á camara.

Como v. ex.<sup>a</sup> sabe, e a camara não ignora, o orçamento do ultramar está dividido por seis differentes provincias e o que tenho a dizer não se refere especialmente

a uma ou outra, mas refere-se simultaneamente a todas.

Parece-me, portanto, que ao encetarmos a discussão do orçamento do ministerio da marinha e ultramar e tratando-se no capitulo 1.º do ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar e do pessoal das duas direcções, marinha e ultramar, aqui têm logar e cabimento as minhas reflexões.

Quando se discutir, se se discutir, o orçamento especial dos negocios do ultramar, eu então, percorrendo minuciosamente cada uma das differentes verbas que n'esse orçamento estão descriptas nos capitulos da administração ecclesiastica, mostrarei a injustiça com que ali são contemplados os differentes funcionarios da igreja em as nossas colonias.

Mas essa discussão fica adiada para mais tarde, e agora limito-me unicamente a apresentar considerações geraes como exige a natureza da discussão que occupa a attenção da camara, sem contudo me furtar a vir uma outra vez apontar uma ou outra verba do orçamento especial do ultramar, unicamente como meio de prova para corroborar as asserções que enunciar.

Esta questão de que comeci hontem a occupar-me, e vou continuar hoje não é uma questão politica. Não pôde nem deve haver n'ella divergencias partidarias. (*Appoiados*.) Aqui todos nós somos portuguezes que amamos não só o engrandecimento das nossas colonias, mas que devemos estimar também os fructos e lucros que á metropole podem advir do progresso d'ellas.

Não devemos pensar só em as nossas pessoas e no dia de hoje, devemos pensar também no bem dos nossos concidadãos de alem mar e no futuro da civilisação.

Devemos congregar os nossos esforços, as nossas attentões, os nossos cuidados e estudos para tratarmos seriamente da questão das colonias que infelizmente, diga-se a verdade, têm sido altamente desprezadas desde 1834 até hoje e quasi completamente postas de parte.

E quanto assim fallo não me refiro só á administração ecclesiastica.

E certo que n'estes ultimos tempos mais alguma attenção se tem prestado á questão ultramarina, mas o no-so cuidado tem sido e é ainda muito inferior e está muito áquem das necessidades reaes das colonias.

O abandono em que as deixámos durante largos annos ha sido tolerado pela Europa, porque esta tem tido a America para onde mandar o excedente da sua população e os productos que lhe sobejam do seu consumo. As circumstancias, porém, mudaram e mudaram consideravelmente.

A grande republica dos Estados Unidos tomou um desenvolvimento tal, que hoje chega a supplantar na Europa a propria Inglaterra. Não importa, exporta, e os seus productos industriaes e agricolas invadem os mercados europeus, e a perfeição d'aquelles e a barateza de ambos dão-lhe já reconhecida superioridade.

Depois o excedente da população ingleza que ia para a America, trata hoje de convergir para outro ponto, e procura estabelecer-se na Africa, porque na America encontra ultimamente uma concorrência que

não pode vencer, que é a concorrência dos chins, os quaes consomem menos e produzem mais do que os filhos da nossa activa e fiel alliada.

Até agora a Inglaterra quasi não precisava da Africa, hoje tudo lhe aconselha a que olhe para esta parte do mundo com séria attenção. E se Portugal não tratar, como lhe cumpre, do engrandecimento das colonias e de promover o seu desenvolvimento, receio muito que, nós os portuguezes que ali temos mais terreno, mas que de meusos força disponos, sejamos expropriados, por utilidade da civilização, do que tantos esforços e tão heroicos sacrificios custou aos nossos maiores.

Portanto dizia eu, e repito, que todo o tempo que consumirmos com a questão do ultramar não é tempo perdido; todos os esforços que empenharmos, pondo de parte qualquer dissidência politica, para promover o engrandecimento, o progresso e a civilização nas possessões que os nossos avós descobriram no continente africano e na Asia, todos esses esforços serão bem vindos e bem empregados.

O assumpto, porém, para que eu desejo chamar a attenção da camara n'este momento é o estado deploravel da administração ecclesiastica no ultramar.

E declaro que pelos defeitos que se encontram n'este e nos outros ramos da administração colonial, não quero irrogar censuras somente a este ministerio, mas a todas as situações e a todos os governos, porque todos os partidos e todos os gabinetes que se têm succedido no poder desde 1834 até hoje, têm culpas no cartorio. (Apoiados.)

É necessario que sejamos, antes de tudo, justos. N'esta questão não me lembro que pertença a um partido; lembro-me primeiro que tudo o acima de tudo que sou portuguez.

Eu disse que circumscrevia as minhas observações ao estado da administração ecclesiastica, que é verdadeiramente deploravel no ultramar.

Como hontem tive occasião de ponderar, e hoje repito, o fallar de padros, n'este logar, é realmente tarefa ingrata. De experiencia sei que em geral os poderes publicos d'esta terra, não morrem de amores pelo clero, antes com apparencias benevolas lhe são grandemente hostis.

São os factos que se incumbem de provar esta affirmativa.

Ainda no principio d'esta sessão legislativa o sr. ministro da fazenda veio a esta camara propor o augmento de 10 por cento no imposto predial sobre os bens que constituem o patrimonio ecclesiastico e sobre as propriedades da igreja, ainda não desamortizadas.

Creio bem que este projecto está destinado a soffrer morte ignominiosa, que é a morte d' esquecimento nos archivos da commissão. Não passa, mas a vontade do governo era clara. O pensamento que o inspirou era evidentemente de hostilidade ao clero, hostilidade aberta e não disfarçada, hostilidade que nom recouu diante do principio da justiça e do preceito da carta, que exige sim, que todos contribuam na proporção dos seus haveres para os encargos do estado, mas que ao mesmo tempo prohibe que se invente uma excepção odiosa

contra a classe clerical, que não têm menos direitos do que as outras classes, e á qual se pretendia vexar e opprimir sem rasão, extorquindo aos membros d'ella uma contribuição superior áquella que pagam os outros cidadãos portuguezes.

Esta camara tambem, que se digna de ouvir-me com tanta attenção, attenção que eu não mereço e que muito me penhora, tambem cedo um pouco á influencia do meio em que vive, e deixa-se levar mais de uma vez pela corrente das idéas que vogam nas regiões officiaes.

Quantas vezes v. ex.ª, sr. presidente, não tem ouvido n'essa cadeira onde está sentado, palavras de desfavor para o clero portuguez, ao qual eu me ufano de pertencer?! Quantas vezes?! E seja-me permittido dizel-o de passagem, lamento que isso tenha acontecido n' esta assembléa. (Apoiados.) As palavras aqui proferidas, ouve-as toda a nação. A influencia que ellas exercem é larga e é profunda. (Apoiados.)

Nós, que somos já fracos pela nossa pequenez, mais fracos nos tornamos, se porventura queremos estabelecer antagonismos e rivalidades entre as differentes classes sociaes.

Nós só podemos ser grandes se vivermos unidos todos. (Apoiados.) Mas se o professor vier a esta casa e disser mal do padre, o mathematico do juriconsulto, o lavrador do empregado publico, o industrial do capitalista, e o medico mal de todos; (Niso que lucros advirão á patria de tanta maledicencia? Que cohesão poderá haver nas forças d' esta terra nos dias aziagos para vencer o perigo commum, que ameace subverternos a todos?

Na sociedade, todas as classes são uteis; (Apoiados.) todas são prestadias, todas têm o seu logar. (Apoiados.)

Cada uma d'ellas deve trabalhar zolozamente dentro da esphora da actividade que lhe é propria. (Apoiados.) E aquella que prestar á sociedade os serviços que poder, dentro dos limites dos seus recursos, deve considerar-se benemerita da patria e merecer inquestionavelmente as benções publicas. (Apoiados.)

Hontem disse, que nas nossas provincias ultramarinas, não havia padres em numero sufficiente para satisfazer as necessidades espirituas das nossas vastas possessões. Citei documentos e apontei factos.

Hoje vou ainda lembrar um que assenta em documentos officiaes e que confirma as minhas affirmativas.

A provincia de Moçambique, no dizer do sr. Bulhões, que é auctoridade n'estes assumptos, mede 300 leguas de comprimento desde o Cabo Delgado até á bahia de Lourenço Marques, e 200 na sua maior largura desde a embocadura do Zambeze á do Zumbo.

Pois com toda esta extensão o orçamento apenas lhe dá treze padros.

Repare a camara que o effectivo parochial é sempre muito inferior ao orçado, e veja que abundancia de padres não ha em Moçambique.

Este facto e outros que apontei, assim como as considerações que adduzi, parecem que devem ter demonstrado á camara exuberantemente que no ultramar não ha padres sufficientes.

O sr. Sousa Machado:—Apoiado.

O Orador:—Mas faltam tambem seminarios onde se preparem convenientemente alumnos bastantes para exercerem o ministerio parochial no ultramar.

Para demonstrar esta verdade percorrerei, ainda que rapidamente, todas as nossas provincias ultramarinas, começando em Macau e acabando em Cabo Verde, sem me esquecer de fallar do collegio das missões ultramarinas estabelecido em Sernache do Bomjardim.

Comecemos por Macau. Em Macau ha um seminario muito frequentado. Diz o sr. Corvo que em 1872-1873 tinha 160 alumnos.

Ora, um seminario com 160 alumnos deve preparar annualmente 20 missionarios, suppondo, a hypothese da ausencia de força maior que obrigue algum a interromper o curso. E 20 padres é numero insufficiente para as necessidades da provincia.

A prova esta em que o collegio das missões ultramarinas de Sernache do Bomjardim, tendo preparado 26 missionarios ultimos cinco annos, mandou para Macau, China e Timor, isto é para as igrejas dependentes de Macau, 11 missionarios.

O sr. Scarnichia:—Estão todos em Timor.

O Orador:—Não duvido.

O sr. Scarnichia:—Em Macau não ha nenhum.

O Orador:—Peço desculpa a v. ex.ª.

Eu regulo-me pelos documentos officiaes. Não tenho conhecimentos d'esta materia, resultantes de observação propria, porque nunca fui ás nossas possessões, o agora é já tarde para emprender tão larga viagem.

Os documentos officiaes dizem que foram 3 para Macau, 7 para Timor e 1 para Hai-nan, China.

Isto é o que dizem os documentos officiaes. Eu considero official o que affirmou o illustre bispo de Bragança na camara dos dignos pares por occasião de se discutir o projecto da Guiné.

O illustre bispo de Bragança é o superior do collegio das missões ultramarinas.

Mas quer fossem todos para Timor, quer fossem só parte, a conclusão é a mesma.

Foram do collegio de Sernache, logo não os havia em Macau. Logo o seminario do Macau não chega, é insufficiente.

Mas o peor não é isso. O peor é o estado em que se acha o seminario.

Ouçá a camara o testemunho do sr. Corvo, o qual hei de ter necessidade de invocar mais vezes. Vou ler o relatório que s. ex.ª apresentou n'esta camara em 1875, aliás muito bem elaborado, como tudo quando sae da sua penna.

N'este relatório encontram-se as seguintes palavras: *apenas ha a notar a deficiencia de professores habilitados para leccionar algumas disciplinas.*

Este apenas vale um discurso. É um bom seminario, tem boas condições, apenas faltam professores habilitados! Falta insignificante. Uma bagatella.

A camara comprehende bem o que vale um estabelecimento litterario que apenas tem a deficiencia de professores habilitados para algumas das disciplinas. (Apoiados.)

Este é o estado do seminario de Macau. Note-se, que dos do ultramar este é o que está em melhores condições.

Vindo de Macau para a India encontramos n'esta tres seminarios descriptos no orçamento, o de Rachol no arcebispado de Goa, o de Alapé no bispado de Cochim e o da Feira d'Alva no arcebispado de Cranganor.

Pedi na camara differentes informações a respeito dos seminarios do ultramar. Essas informações não vieram ainda. Não admira isso. Faço idéa do como tem andado a administração colonial.

Conheço um pouco da administração do paiz, e pelo estado d'esta calculo como andarà aquella.

Essas informações não vieram.

Estou convencido de que o nobre ministro não as tendo na secretaria, tratou de as obter do ultramar, e naturalmente não chegou senão para o anno.

Não tenho informações muito circumstanciadas a respeito d'estes seminarios da India, mas desconfio que elles estão muito mal.

Podem avaliar-se os recursos dos dois ultimos, ponderando que o estado dá a cada um a larga dotação de 500\$000 réis annuaes.

Vejam que grandes estabelecimentos litterarios podem ser com a dotação de réis 500\$000! E todos elles dão numero tão abundante de missionarios e de padres, que segundo hontem demonstrei pelas contas de gerencia do estado da India, relativas ao anno de 1876-1877 faltavam na provincia 40 por cento dos padres que devia haver. D'aqui pôde concluir-se o estado em que estão.

Deixemos a India e vamos a Moçambique.

Em Moçambique não ha seminario, uas ha de haver; não sabemos quando.

O sr. Luiz de Lencastre:—Lá ha seminarios.

O Orador:—Eu posso dizer a v. ex.ª quaes são os seminarios que lá ha.

O sr. Luiz de Lencastre:—Tambem eu.

O Orador:—Pois eu peço a s. ex.ª e a todos os meus collegas que têm conhecimento d'este assumpto que peçam e usem da palavra o que venham esclarecer a discussão.

Digo isto em boa paz e no interesse da patria, porque é necessario que cada um traga para esta causa que é commun, que é do interesse de nós todos, o contingente do seu saber, da sua instrução e do seu estudo.

Como já disse, e agora repito, esta questão não é de um partido, é de todos, aqui não pode haver divergencias partidarias.

Mas voltemos a Moçambique.

A respeito do seminario de Moçambique, disse o sr. Corvo no seu relatorio de 1875:

«O novo prelado tenciona fundar, á custa da sua propria fazenda, um seminario em Moçambique. O governo julgou dever auxiliar com a verba de 800\$000 réis esta fundação.»

Em Moçambique não ha seminario, ha de haver, construido e fundado á custa da propria fazenda do prelado, e de uma dotação orçamental de 800\$000 réis

Não está concluido, mas vae concluir-se com presteza!

No anno 3:000 está prompto!

Esta obra na presteza da sua feitura deixará a perder de vista as obras de Santa Engracia. *Riso*)

Imagine-se o que um pobre prelado, tendo de congrua 1:200\$000 réis, que é o que está no orçamento, e vivendo em Moçambique, pôde fazer á custa da sua propria fazenda, e com um subsidio de 800\$000 réis, para concluir com brevidade o seminario!

Da costa oriental de Africa venhamos á costa occidental, de Moçambique venhamos a Angola.

A respeito de Angola dá-nos noticia o illustre bispo, que diz assim no relatorio que eu já tenho citado á camara mais de uma vez:

«Só no fim do cinco annos e de repetidas ordens do governo é que se pôde alugar casa para elle (seminario) e principiar a funcionar com alumnos externos...»

Isto escrevia o illustre prelado em 1878, no anno passado.

Calcule a camara os esforços que é necessario fazer para manter regularmente um seminario em Angola, quando foi necessario empregar cinco compridos annos só para alugar a casa, e isto apesar das instantes e repetidas ordens que o ministro dava aos governadores, porque, desenganemo-nos, lá no ultramar quem governa são mais os governadores do que os ministros. *(Apoiados.)*

Levaram cinco compridos annos para alugar a casa, depois alugou-se a casa e estabeleceu-se lá o seminario com uma modestia realmente extraordinaria.

Foi aberto, segundo diz o illustre prelado, para principiar a funcionar com alumnos externos.

Que seminario é este que principia a funcionar com alumnos externos?!

Isto não é seminario, é um curso de aulas ecclesiasticas onde aquelles que se dedicam ao ministerio do altar podem receber instrução ecclesiastica, mas nunca a educação ecclesiastica, que é cousa muito differente e aliás necessaria, indispensavel para o missionario.

Em Angola, pode-se dizer, não ha coisa alguma, é necessario fazer tudo.

Mas deixemos Angola, e vamos a S. Thomé e Príncipe.

Ahi não ha absolutamente nada, nem mesmo o projecto ou a tentativa de um seminario que ha de ser construido á custa da propria fazenda do prelado, e de um subsidio de 800\$000 réis, como em Moçambique; ahi nem mesmo se trata de fazer arrendamento de uma casa, arrendamento que só se possa concluir em cinco annos. Ahi, repito, não ha absolutamente nada.

Vamos a Cabo Verde. Eu de Cabo Verde não tenho informações officiaes. Sei só que do collegio de Sernache tem ido para lá missionarios.

Portanto, convenço-me de que o seminario de Cabo Verde tambem não está nas circumstancias normaes, que as necessidades do ultramar exigem. É este o estado dos seminarios nas colonias.

Olhemos agora para o collegio das missões ultramarinas, estabelecido em Sernache do Bomjardim.

Antes de tudo, eu tenho de declarar a v. ex.ª que qualquer palavra que eu porventura diga em desfavor d'este estabelecimento, não é inspirada nem remotamente pelo intuito de censurar o illustre prelado que o dirige cuja piedade e cuja sciencia eu reconheço, e a cujo merecimento presto homenagem do meu sincero respeito.

Conheço bem, e estou muito longe de pretender amesquinhar o zelo e abnegação do sr. bispo de Bragança, director do collegio central das missões ultramarinas em Sernache do Bomjardim.

Sei bem quantas diligencias e cuidados emprega em o dirigir acertadamente; e os senões ou defeitos que n'elle se encontram (tantos e taes que na minha opinião o collegio não corresponde por isso ao fim para que foi creado), ponho-os á conta da força dos acontecimentos, e não da falta de attenção e disvellos do illustre prelado incumbido de o governar.

Posto isto, digo que o collegio das missões ultramarinas em Sernache do Bomjardim está muito longe de corresponder ao seu fim. *(Apoiados.)*

Em primeiro lugar não tem capacidade senão para 50 alumnos, amlunos que no collegio têm de estudar as disciplinas preparatorias e as disciplinas theologicas. Quer dizer, o collegio de Sernache do Bomjardim só pôde dar promptos em cada anno lectivo seis a sete missionarios. Mais não.

Ora calcule v. ex.ª, e calcule a camara o que são seis a sete missionarios para as seis, ou antes, sete, que hoje são, amplissimas provincias que nós temos no ultramar.

É claro que este collegio não pôde pelo acanhado das suas dimensões corresponder ao fim para que foi creado.

Disse que este collegio pôde preparar annualmente apenas seis ou sete alumnos quando muito; mas de facto tem preparado menos n'estes ultimos annos. Segundo as affirmativas do illustre bispo de Bragança, na camara dos dignos pares, n'estes ultimos cinco annos, tem preparado vinte e seis alumnos, o que dá a media de cinco a seis por anno.

Cinco ou seis missionarios é muito pouco para as necessidades das nossas provincias ultramarinas.

Sei que, com o fim principal de alargar o numero dos alumnos destinados ás nossas missões, se submetteu ao exame d'esta camara um projecto que tem por fim crear um collegio filial no convento de Chellas, subordinado ao collegio central de Sernache do Bomjardim. Quando esse projecto entrar em discussão, hei de discutir mais largamente sobre o assumpto.

Por agora só declaro que, agradando-me muito o pensamento fundamental que presidiu á sua elaboração, discordo, e discordo profundamente, em muitas das suas disposições, do sentir do auctor. Mas, emfim, isto fica para mais tarde.

Voltando a fallar do collegio de Sernache do Bomjardim, notarei que este collegio, não só pelo acanhado das suas dimensões está muito longe de satisfazer aos fins para que foi creado, mas ainda pelo modo por que está n'elle organizado o ensino; pelo local em que se acha estabelecido, e ainda pela falta de cadeiras que lá devia haver, e que infelizmente não ha.

No collegio de Sernache do Bomjardim ha o mesmo ensino para todos os alumnos, qualquer que seja a colonia para que os destinem.

Em minha opinião ha n'isto um erro e um erro grande. E note-se que isto não é censura, torno a repetir, e desejo que esta idéa fique bem clara. Quando muito será divergencia de opinião entre mim e quem julgar o collegio bem organizado.

Seja licito a cada um pensar livremente, e livremente tambem dizer o que entende. Quanto a mim, a uniformidade do ensino no collegio de Sernache do Bomjardim, para todos os alumnos, é um systema mau.

E não ponho os inconvenientes d'este systema á conta da responsabilidade da administração da casa, mas á conta da lei de 12 de agosto de 1856, que creou e organizou o collegio.

Em meu parecer os missionarios devem receber uma educação religiosa adequada ás circumstancias da localidade para onde são destinados. Nos temos de preparar principalmente missionarios para as nossas possessões da India e para as nossas possessões do continente da Africa.

As idéas, que vou apresentar, não são producto da minha phantasia, mas resultado do estudo consciencioso de muitos documentos, dos quaes não faço menção especial para não fatigar a camara.

Em muitos livros estrangeiros, porque os estrangeiros sabem mais d'isto que nós, tambem encontroi larga base para assentar a minha opinião sobre o assumpto.

Isto posto, direi que a preparação dos missionarios que nós houvermos de mandar para a India, deve de ser muito differente d'aquella que precisam os que destinarmos ao continente da Africa. A instrucção e educação de uns não pôde ser a dos outros.

Na India temos numero consideravel de parochias, muitas das quaes estão occupadas por missionarios estrangeiros. Raro é o paquete que chegue á India, que não leve missionarios europeus, principalmente francezes e italianos. Creio até que ha uma companhia, *Messageries imperiales*, que ainda hoje dá passagem gratuita aos padres catholicos que queiram ir para o Oriente.

Ora, em regra, estes missionarios têm uma esmerada educação, não só theologica mas litteraria.

O clero de Goa, ao contrario, não por culpa d'elle, que é muito intelligente e applicado, mas por falta de recursos e pelos defeitos dos seminarios da provincia, tem uma educação muito mesquinha, muito acanhada, e muito inferior ás necessidades das missões do Oriente. D'ahi resulta que os indigenas filhos de aquella provincia preferem aos padres seus patricios os padres europeus, que têm uma educação mais profunda e completa. Os goanos não estão tão atrasados como estão os africanos. A Africa está na sua infancia, sobretudo a Africa central.

E digo a Africa central, porque a austral, já tem um grande desenvolvimento, devido aos hollandezes e sobretudo aos inglezes.

Mas a India não está, como a Africa, na sua infancia. A India tem tradições gloriosissimas, e sobretudo uma litteratura riquissima, mais rica do que nenhuma da Europa.

E não sou eu que o digo, é uma das auctoridades mais competentes no assumpto, é Lamartine no seu *Curso de litteratura*.

Nos tempos felizes, de que me recordo com saudade, e nos quaes a falta de saude, os desgostos e os cuidados me não tinham ainda quebrado o corpo nem assoberbado o espirito, quando eram mais largos os meus ocios, e eu tinha mais vagar para ler e estudar, deliciava-me durante horas e horas saboreando o poema *Malahabarata*, escripto primitivamente em sanscrito, do qual Lamartine diz, e creio que com razão, ser superior ao proprio Homero.

A litteratura indiana tem monumentos superiores aos da litteratura europeia.

A India possui uma litteratura já feita, tem uma civilização muito adiantada, e exige nos seus padres grande cultura intellectual. Quando apparece lá um pobre padre, educado nos seminarios mal montados que nós temos no Oriente, esse padre não tem prestigio nem auctoridade alguma, e é posto de parte e preterido pelos padres europeus.

Os goanos suppõem e suppõem bem que os padres, educados na Europa sobrelevam aos seus patricios em illustração e cultura.

Os padres europeus que são alli em maior numero são os padres francezes e italianos; portuguezes poucos ou nenhuns.

E seria para desejar que nós mandássemos muitos preparados no collegio de Sernache do Bomjardim, e tendo recebido uma esmerada educação litteraria e theologica, de modo que podessem rivalisar com os padres francezes e italianos e até suplantá-los, se fosse possível.

Esta é minha opinião, fundada, não em experiencia e observação propria, porque nunca estive na India, mas nas informações dadas pelos livros e pelos documentos officiaes que tive occasião de ler.

O sr. *Luiz de Lencastre*.—Apoiado.

O *Orador*.—Folgo muito que o illustre deputado, o sr. Lencastre, que residiu largo tempo no Oriente, venha confirmar com o seu testemunho auctorisado a verdade das minhas apreciações.

Ora esses padres que devemos mandar para Goa podem ser educados no collegio de Sernache do Bomjardim com sufficientes conhecimentos litterarios e theologicos.

Não nos deve mesmo causar medo differença do clima, porque mais facilmente resiste um europeu que vae para a Asia do que o que vae para a Africa.

Em relação aos missionarios que devemos mandar para a Africa, muda o caso completamente de figura.

Em primeiro logar, a meu parecer, os missionarios da Africa devem ser educados na Africa.

O sr. *Sousa Machado*.—Apoiado.

O *Orador*.—Educar um europeu no collegio de Sernache do Bomjardim, em um clima inteiramente differente d'aquella em que tem de viver, e mandal-o depois para a Africa sem preparação alguma, é sujeitarmos a perder em um curto espaço de tempo os muitos sacrificios, os muitos cuidados e o muito tempo que tivemos de gastar em preparar um missionario.

O sr. *Sousa Machado*.—Apoiado.

O *Orador*.—Note-se bem. Não quero que os missionarios que mandarmos para Africa sejam sempre indigenas; é necessario que haja missionarios indigenas e missionarios europeus.

E vou dizer a razão d'este meu pensar.

No continente africano, o missionario tem um grande prestigio, só pelo facto de ser missionario.

Afirmam-no todos os escriptores.

E isto acontece não só em Africa, mas em todas as nossas colonias.

A respeito de Timor, por exemplo, já o nosso collega respeitavel official de marinha, o sr. Scarnichia, me contou um facto presenciado por s. ex.º

Havia em Timor (e desculpe-me a camara esta pequena digressão) um padre chamado Gregorio.

Eram frequentes ali as desordens, e quando o governador se via afflicto para restabelecer a tranquillidade publica, o que não era raro, mandava chamar o padre Gregorio. Apparecia este e com elle o socego. Era o anjo da paz.

O sr. *Scarnichia*.—Apoiado.

O *Orador*.—O apoiado com que acaba de me honrar o meu illustre collega prova a exactidão d'este facto, e como este podia contar muitos outros.

Fecho a digressão e continuo no desenvolvimento das idéas que ia apresentando. Em geral, em todas as nossas possessões ultramarinas, um missionario, só pelo facto de ser missionario, tem um grande prestigio e uma grande auctoridade.

Bem sei que muitas vezes os indigenas os martyrisam e victimam, mas note-se que o preto, quando pratica estes actos é ordinariamente cedendo ás intrigas dos negreiros, porque v. ex.º sabe perfeitamente que a escravatura diminui e acaba pela acção dos missionarios. Os maiores inimigos dos negreiros são os missionarios. Ninguém lhes prejudica mais os interesses. E é isso natural. Se o não fizessem faltariam aos preceitos do evangelho que diz que no céu ha um só Deus, que é pae de todos, e na terra uma familia unica, de que todos somos membros e onde todos somos irmãos.

Os missionarios contribuem eficaz e poderosamente para a extincção da escravatura, estado tão contrario á dignidade humana, como opposta ao dogma da fraternidade pregado por Jesus Christo.

O missionario é o inimigo declarado e intransigente da escravatura; o negreiro, o flagello e o perigo maior do missionario.

Fôra, porém, dos negreiros, este nada receia dos homens nos sertões da Africa. É immensa a auctoridade que elle tem, é o seu ascendente no espirito do negro.

O sr. *Sousa Machado*.—Apoiado.

O *Orador*.—Mas quando o missionario reúne á qualidade de missionario a de europeu, a de auctoridade e prestigio são ainda maiores.

O sr. *Sousa Machado*.—Apoiado.

O *Orador*.—No interior da Africa estão estabelecidos muitos europeus, que são geralmente respeitados pelos negros. E para não citar muitos nomes, lembrarei só o sr. Anchieta, que ha muitos annos está em Angola, vivendo no sertão, prestando serviços e serviços relevantes á patria e á sciencia, e com tal abnegação e desinte-

resse que bom mereço ser apontado como modelo e exemplo n'esta epocha tão egoista e tão interesseira. (*Apoiados.*)

O snr. Anchieta está ha muitos annos no interior do continente africano, vivendo no meio dos pretos, e vivendo com elles na melhor harmonia. Nem um unico desgosto o tom affligido, a não ser, vergonha é dizel-o, da parte das auctoridades portuguezas.

O snr. *Bocage*:—Apoiado.

O *Orador*:—Estimo muito que o snr. dr. Bocage confirme a verdade das minhas palavras.

Nenhum testemunho eu poderia obter mais competente do que o de v. ex.ª, que está hoje, como tem estado sempre desde que o snr. Anchieta deixou Lisboa, em correspondencia official e particular com este illustre naturalista, cujo nome conhecido e respeitado em toda a Europa culta, é uma honra para a sciencia e uma gloria para a patria. (*Muitos apoiados.*)

Dizia eu, que o europeu só pelo facto de ser branco, exerce um grande ascendente sobre o espirito do negro.

E, sendo assim, facil é de ver que os missionarios encarregados de iniciar os indigenas africanos nos rudimentos da fé, e de os desligar das erenças e praticas do fetichismo para as verdades catholicas, devem ser europeus.

O sr. *Sousa Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—O trabalho da iniciação é muito difficil. Arrancar o negro das superstições recebidas na infancia e enraizadas n'uma raça ha seculos, é empreza que só deverá ser tentada e poderá ser realisada pela auctoridade do missionario branco.

Porém, logo que estejam fundadas igrejas o convertidos á fé os pretos, a obra comecada por europeus, poderá ser confiada sem perigo a missionarios indigenas.

O sr. *Sousa Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—O prestigio d'estes será sufficiente para conservar os neophitos na sua nova religião.

Este systema rasoavel é seguido pelos estrangeiros.

No Cairo ha um estabelecimento de missões e em Argel ha outro. Do primeiro saem missionarios para o Soudão Oriental, do segundo para o Sahará ou Soudão Occidental.

São todos educados, porém, ou quasi todos, em Africa para se acostumarem ao clima, que é o peor inimigo dos europeus no continente africano.

Muitos dos missionarios são indigenas. Estes resistem mais ao tempo, não estranham o clima, vivem no meio que lhe é proprio.

Eu desejava tambem que os nossos missionarios, quer indigenas, quer europeus, que se destinam para a Africa fossem educados na Africa para assim se costumarem ao clima.

E sendo adoptado este meu alvitre, poder-se-ia escolher para fundar o collegio de missões africanas uma das ilhas de Cabo Verde, ou melhor ainda, uma das terras menos insalubres de Angola, não digo do litoral, que em geral é mau, mas no interior, onde ha pontos em que o clima é menos aspero.

Já fallei a este respeito com um dos nossos collegas, que muito respeito, e que é

muito conhecedor das cousas de Africa, e por este me foi indicado um ponto sobre o qual tomei depois informações mais minuciosas e que reconheci ser effectivamente muito asado para um estabelecimento de missionarios. Refiro-me a Huilla no districto de Mossamedes.

Mas a educação dos missionarios africanos deve ser inteiramente differente da dos que nos mandamos para a India.

O missionario africano deve antes de tudo saber latim, que é a lingua do breviario, do missal, da theologia e da igreja.

E quando digo que deve saber latim, não exijo que o saiba como o snr. Sampaio. (*Riso.*)

Não é necessario que elle conserve de memoria e aprecie devidamente as odes de Horacio, as satyras de Juvenal, os conceitos sentenciosos de Tacito e os versos inspirados de Virgilio. Não. Basta que saiba o latim sufficiente para se desempenhar dignamente das funções do seu ministerio.

Deve tambem saber a lingua dos povos onde vae missionar para se fazer entender e entender aquelles a quem tem de se dirigir, e com os quaes tem de viver e tratar. Além d'isso deve saber historia e geographia elementar, estudo indispensavel a todo o homem, principios elementares de theologia dogmatica e noções muito desenvolvidas de moral christã, porque o missionario é mestre da religião. Das outras cadeiras de theologia, e das disciplinas subsidiarias talvez possa dispensar as noções profundas e sciencia eminente, cuja falta seria digna de reparo em padres, que se achassem ou tivessem de exercer o seu ministerio n'outro meio, ou occupassem grau elevado na hierarchia ecclesiastica. Mas em compensação o missionario africano deve saber principios de sciencia naturaes, de mathematica, de agricultura, de hygiene e até de medicina. Todas estas noções serão proveitosas para elle e para os povos onde vae missionar, e augmentando o prestigio do missionario, tornarão mais efficaz a sua missão.

O snr. *Sousa Machado*:—Apoiado.

O *Orador*:—Isto posto, sem violencia se pôde concluir que o collegio de Sernache pôde servir para missionarios para a India, mas não para missionarios para a Africa, porque estes devem ser educados na Africa e não em Portugal, e receber educação religiosa, litteraria e scientifica muito differente da dos que vão para a India.

Sr. presidente, ainda tenho outro reparo a fazer. No collegio de Sernache ainda não ha cadeiras de linguas colonias, e é preciso que os missionarios as saibam, e melhor será que as aprendam no seminario, e que d'este saim promptos para comecarem logo a exercer com proveito o seu difficil ministerio.

Sei que em Sernache de Bonjardim já se estabeleceu este anno uma cadeira, em que se ensina um dialecto da India—o *concani*, mas faltam cadeiras de outras linguas colonias, e seja-me permittido dizer de passagem, que o ensino do *concani* é precisamente o menos util para o missionario, e que este melhor podia dispensar.

No que respeita a colonisação, des-

exemplos que nos dão nações mais adiantadas, mais cultas e mais civilizadas do que nós, e creio que d'este desprezo só nos pôde advir, e já adveio, mal e muito mal.

A Hollanda só nomeia para as suas colonias da Oceania empregados que conheciam a lingua que ali se falla, a lingua *malaya*. Os inglezes exigem nos functionarios que mandam para as suas possessões da Asia o conhecimento do *marata* ou *hindustani*, e quando não encontra individuos habilitados com o conhecimento de qualquer d'estes dialectos, impõe-lhes a obrigação de aprender um d'elles dentro de tres annos, sob pena de cassar a nomeação.

Este systema dos hollandezes e inglezes é muito rasoavel. Em minha opinião todos os empregados do ultramar, tirando os empregados superiores, porque emfim sendo a nomeação d'esses por tres annos, não vale a pena obrigar-os a estudar as linguas colonias, deviam saber o dialecto ou a lingua dos povos para onde são mandados.

De outra maneira ficam sujeitos a muitas fraudes, embustes e enganosa a que os levam os interpretes. (*Apoiados.*)

A Hollanda e a Inglaterra tanto reconheceram a utilidade das linguas colonias, que estabeleceram nas metropoles cursos em que estas se ensinam.

Nós tambem temos uma cadeira de saoskrito e só isso, mas o conhecimento d'esta lingua não é dos que produz mais vantagens praticas immediatas para a administração colonial.

Mas quer o governo se convença quer não da necessidade dos empregados que manda para as nossas possessões sabermos os dialectos e linguas colonias, do que se deve convencer é que os missionarios não podem prescindir do conhecimento de uns e de outras. Pois se elles têm de tratar diariamente com os indigenas, transmitir-lhes os seus pensamentos e receberem as idéas dos povos com quem convivem, como é possível que ignorem a sua lingua?

Por isso n'um collegio bem organizado de missões ultramarinas, devia ensinar-se *chim* aos missionarios de Macau, *malayo* aos de Timor; (*Apoiados.*) *marata* ou *hindustani* aos da India.

E digo *marata* ou *hindustani* porque na India ha tres dialectos, estes dois e o *concani*. O primeiro é a lingua litteraria do paiz, na qual ha os monumentos escriptos mais preciosos da India; o segundo é o mais geralmente usado, é para a India como o francez é para a Europa; o terceiro, simplesmente fallado, e fallado só na costa, não está bem formulado, tem um uso muito restricto e tende mais a desaparecer do que a aperfeiçoar-se.

Entendo eu portanto; que os missionarios mandados para a India devem conhecer o *hindustani* ou o *marata* e talvez antes aquelle do que este. O *concani* é o menos util e está longe de ser necessario.

Isto pelo que respeita á Asia e Oceania.

Na Africa ha uma quantidade immensa de linguas quasi todas na infancia, e em formas fixas e determinadas, e que tendem a desaparecer. E certo porém, que o reaparecimento de uma lingua só pôde realisar-se successivamente pelo decorrer do-

annos e talvez dos seculos, e enquanto essas linguas existirem é conveniente que os missionarios que vão levar a palavra de Deus as conheçam para serem entendidos pelos indigenas.

Seria absurdo exigir aos missionarios o conhecimento de todas as linguas africanas, que são numerosas. Mas ha duas, uma na costa occidental e outra na costa oriental que são mais usadas e que elles não devem ignorar: na costa oriental o *macia*, na occidental o *hunda* ou *nebundo*.

Já vê portanto a camara que não temos no ultramar numero sufficiente de seminarios convenientemente montados para dar ás colonias os missionarios de que ellas precisam, e que o collegio de Sernache pelo local onde está collocado e pela estreiteza do edificio em que está estabelecido, pela uniformidade do ensino que ministra a todos os seus alumnos, e pela falta de cadeiras de linguas colonias, está muito longe de poder corresponder aos seus fins. (Apoiados).

Disse eu hontem á camara que havia de fallar, não só da falta de padres e de seminarios no ultramar, mas tambem de templos, e é este ultimo assumpto a que vou referir-me agora.

En'este não preciso cansar-me muito, porque os testemunhos são abundantes, clarissimos e tão eloquentes, que me dispensam de lhes juntar commentarios ou sobrepôr considerações. Fallam por si.

Na frente de todos elles colloco as palavras do sr. ministro da marinha na sessão da camara dos dignos pares de 12 março ultimo.

Referindo-se ao ultramar disse o sr. Thomaz Ribeiro.

«Começamos por nem ter lá igrejas, sr. presidente, e algumas que tivemos vão caindo.»

Onde podia eu achar prova mais decisiva e auctoridade mais competente? (Apoiados.)

(Continúa)

## RETROSPECTO DA QUINZENA

SOMMARIO:—*Silencio digno de reparo; a voz d'um Prelado reforçando um brado patriótico.—Ilha da Madeira; A Associação Catholica; festas.—«O Commercio de Portugal»; engano do collega; um caso que estranha e que devera louvar; como encara o casamento catholico; ignorancia sobre o assumpto; ideias velhas; a quem deve a mulher a liberdade; nossos emboras.—Os «Lazaristas» do sr. Ennes em Africa; nossas esperanças e admiração.—Estado lastimoso do Brazil; más noticias.—Mais uma tonteria dos amigos da liberdade, em França.—Recentes publicações.*

Quando em a nossa revista do n.º 15 levantamos um brado em prol do venerando monumento que tanto devera merecer a veneração de todos os portuguezes e

muito especialmente dos filhos d'esta terra, bem longe eramos então de pensar que a imprensa periodica da localidade se conservasse muda a tal respeito. Infelizmente foi a mudez dos collegas que veio auxiliar o nosso brado.

Graças, porém, ao amor da religião e da patria que anima um dos mais venerandos prelados portuguezes, o nosso brado foi ecoar sob as abobadas da sala onde se fazem as sessões da camara dos pares.

S. exc.ª rev.ª sr. bispo de Bragança e Miranda, o unico dos nossos prelados que temos visto tomar parte em todas as questões levantadas na camara alta e que mais ou menos prendem com os interesses da religião, no seu discurso proferido na sessão de 14 de junho, e que breve publicaremos dirigindo-se ao sr. ministro de justiça pedindo-lhe para que tracte das necessidades urgentes da administração ecclesiastica, disse estas palavras, que nós como catholicos, como portuguezes, e como filhos d'esta terra, e mais ainda por ser um brado que vem reforçar o que por nós aqui fora soltado, muito folgamos em reproduzir: .... e sobre este assumpto desejava tambem reclamar de s. ex.ª a conservação d'uma collegiada insigno, que é a de Guimarães á qual está vinculada a memoria do fundador da monarchia.

\*  
\* \*

A Madeira, essa formosa terra emmuldurada pela alva espuma do oceano, onde todos os annos concorrem milhares de forasteiros em busca das frescas brizas, impropnadas d'aromas, que lhe agitam as verdejantes copas de suas arvores, está dando lições ás principaes cidades do continente no que respeita a assumptos religiosos. A associação catholica ahi fundada ha cinco annos apresenta-se em um estado de florescencia que, digamol-o francamente, bem nos faz sentir o não termos aqui no mesmo estado uma igual associação, que ha annos tentamos fundar e que, vergonha é dizel-o, vimos morrer, quando bem nascida não era ainda.

E por isso que ella nos aqui falta, fallemos das que os outros possuem, a ver se estimulamos os nossos conterraneos, se os fazemos despir-se d'esta indifferença vergonhosa em materias catholico-religiosas que tanto nos caracteriza.

Fallemos das festas com que a Associação Catholica do Funchal memurou o 5.º anniversario da sua installação, e porque a honra de assistir a ellas nos não coube, demos o lugar ao nosso estimavel collega a «Verdade» de quem com a devida venia vamos transcrever o que segue:

«O dia 21 do corrente, (junho) quinto anniversario da installação da nossa Associação Catholica, foi este anno celebrado n'aquelle instituto com muito entusiasmo.

A casa estava decorada com muito gosto, notando-se grande profusão e variedade de flores. Das paredes pendiam festões de alegre-campos e em cada um dos angulos da sala viam-se massicos de buxo entermeiados de flores vivas, rematando por grandes-vasos.

A' direita da cadeira das preleções estavam collocadas sobre um estrado de dois degraus, duas cadeiras destinadas aos Ex.ªª e Rev.ªª Srs. Arcebispo de Goa e Bispo do Funchal.

A' esquerda estavam os alumnos da escola nocturna. A concorrência não só de socios mas tambem de pessoas apresentadas foi espantoso, achando-se alli individuos pertencentes a todas as classes da sociedade.

Seriam 8 e meia horas da tarde quando entraram na sala os dois Prelados, tomando assento nos seus respectivos logares, sendo acompanhados de muitos ecclesiasticos. No estrado inferior, ao lado das cadeiras dos Prelados estavam á direita o Rev.ª sr. Conego Britto, decano do corpo capitular e á esquerda o sr. vice-presidente da Associação.

Em seguida o sr. vice-presidente pronunciou um eloquente discurso que sentimos não poder transcrever por falta d'espaco.

Subiu á tribuna o Ex.ª e Rev.ª Sr. Arcebispo de Goa, que, commovidissimo, fallou da sua sabida do Funchal e do seu regresso á patria. Expressou em termos tocantes a gratidão e amor do que se acha possuido para com os seus conterraneos pelas demonstrações de sympathia que estes lhe deram, tanto quando foi prelado d'esta diocese como depois; que ao regressar a ella encontrára o mesmo affecto e o mesmo amor, o que muito o penhorára. Discorreu sobre o estado em que se acham as nossas christandades na India e sobre os beneficios operados pela religião catholica n'aquellas paragens. Occupou-se da Associação Catholica Funchalense e dos fructos colhidos por ella n'estes cinco annos de existencia, e terminou engrandecendo o zelo apostolico e a magnanimidade do seu illustre successor o sr. Bispo do Funchal, enumerando os beneficios prestados por S. Ex.ª a esta terra e á Associação Catholica e dizendo que de todas as gr'as prodigalizadas pelo ceo a um povo, nenhuma se podia egualar á de um bom bispo.

Em seguida subiu á tribuna o Ex.ª e Rev.ª sr. Bispo Diocesano, que começou por dizer que sobre elle pesava uma divida tão grande que sendo tão pobre, mal a poderia pagar. Fallou da installação da Associação Catholica do Funchal sob a protecção do sr. D. Ayres d'Ornellas, discorrendo sobre os beneficios resultados d'esta instituição, louvou a iniciativa que tomou o seu illustre antecessor n'esta fundação, no que dera um exemplo ao episcopado e ao povo portuguez, que muito honra a S. Ex.ª, pois que entre nós não se acham ainda muito espalhadas estas instituições, que tantos e tão bons fructos teem produzido nos paizes estrangeiros para bem da sociedade.

Terminou S. Ex.ª, louvando o zelo e actividade do seu collega no desempenho das suas funcções episcopaes, fallou dos trabalhos apostolicos do sr. D. Ayres d'Ornellas na India e alludiu ao amor e dedicação do povo da Madeira para com tão distincto prelado. Lembrou a anciedade dos povos indianos pelo regresso do seu Pastor, e discorrendo sobre este assumpto foi eloquentissimo, commovendo a assembleia.

S. Ex.ª Rev.ª pediu ao sr. D. Ay-

res que abençoasse os seus antigos diocesanos alli reunidos, e o snr. Arcebispo Primaz pondo-se de pé, disse que, em obediencia á voz do Prelado d'esta diocese, abençoava com grande effusão de amor aquella assembleia, pedindo a Deus que a sua benção cahisse sobre o digno Prelado Funchalense, sobre os membros da Associação e suas familias e sobre todas as pessoas alli presentes.

O snr. Bispo do Funchal poz-se tambem de pé, de fórma que produziam um bello effeito aquelles dois vultos venerandos vestidos de vestes pralaticas, que dominavam a numerosa assembleia que compacta, se conservava de pé e em attitude respeitosa.

Depois da benção tocou a banda de caçadores 12 varias peças de muzica durante o peditorio.

Terminada esta festa, os dois Principes da Igreja retiraram-se a um aposento para descansarem um pouco. Nas escadas e na entrada da casa estavam postadas muitas pessoas que esperavam a sahida dos dois prelados para lhes beijarem a mão.»

Que Deus continue a dispensar iguaes alegrias a um povo que tanto se empenha no esplendor da Igreja é o que desejamos aos catholicos madeirenses.

\*  
\*\*

Já appareceu o jornal que haviamos anunciado com o nome do *Commercio de Portugal*. Não desmentio o programma, e nem outra cousa era de esperar.

E' impresso em papel de grande formato e escripto em linguagem amena, florida e por vezes portugueza de lei.

Quanto a ideias é francamente anti-catholico, anti-monarchico, e inimigo declarado de todas as instituições a que a humanidade mais deve.

Senão vejamos o que o collega escreve no seu n.º 4, na sessão politica:

«N'um paiz onde para ser cidadão livre é preciso ser catholico, n'um paiz onde para se constituir a familia legal é preciso ter a fé religioza do Estado, a consciencia é escrava e nas sociedades modernas não é admissivel, que a consciencia, a suprema e inviolavel julgadora da nossa acção intellectual, que é livre, esteja attida ao exclusivo arbitrio d'uns privilegios rachiticos, sem os quaes bem poderia viver a monarchia portugueza.»

O collega está enganado, ou quer enganar os seus leitores. Não sabe que em Portugal se faz hoje o contrario do que affirma? Não sabe que para quem não ha verdadeira liberdade é para os catholicos? Se o collega, assim como não quer ser catholico o quizesse ser, e tivesse vocação para ser frade, para isso é que não tinha liberdade; mas no campo onde o collega está, tem plena liberdade, plenissima liberdade. Não tem o registro civil? Não pode nascer, viver, morrer sem se importar com a Igreja, sem se importar com os padres?

Não nos dá o collega uma prova d'esta liberdade na noticia do seu numero 6, com a epigraphé—*Parece incrivel?*

Vamos reproduzir a mesma noticia do

collega para lhe provar que tem plena liberdade para ser ou deixar de ser catholico e que pôde, quando morrer, ser enterado sem padres como o foi o pobre britador.

Eis a noticia:

«A um britador de pedra que ha dois dias falleceu na loja de um predio da rua Direita de Campo de Ourique, fez-lhe a policia um enterro economico—meteu o corpo do pobre homem dentro d'um caixão sem tampa e mandou-o para o cemiterio a *pau e corda.*»

Ahi tem collega. Para os que não quizerem a estolla e o hyssope do padre, o melhor é o *pau e corda* de dois gallegos.

Eis-nos em frente do n.º 9, de 5 do corrente. *Sobre todos destaca-se o artigo que tem por titulo A familia em Portugal.*

E' o 8.º artigo subordinado ao mesmo titulo, e tracta do matrimonio.

Repet outra vez que em *Portugal, para ser cidadão livre, é preciso ser catholico*, e declara-se abertamente contra o matrimonio religioso e, parece-nos que tambem contra o civil.

«Assim, diz o collega, temos duas expressões de familia—uma falsamente manifestada como consequencia das leis canonicas—é a *legitima*. Outra, sancionada pela liberdade do individuo, a liberdade de consciencia—é a *repudiada.*»

Do que concluimos que o «*Commercio de Portugal*» não julga feitos livremente os casamentos santificados pela Igreja, provando que não sabe como elles se fazem; e o nós nos enganamos no que ajuizamos das suas palavras ou o collega imagina a Igreja a procurar homens e mulheres, e onde quer que elles se lhe deparam, zás, ata-os com o laço matrimonial, sem lhes perguntar se ellês quizerem ou não unir-se, e assim os deixa, depois de atados, a olhar de longe para outro pár tambem amarrado e que como elles forceja por se desprender.

Não sabe, com certeza, o collega as leis do matrimonio, do matrimonio catholico, e por isso pede com todas as forças de seus pulmões o *divorcio, porque o divorcio é a liberdade. A divisa dos que chegam, continua, é toda de liberdade. Familia livre no estado livre—igreja livre no estado livre—consciencia livre no homem livre.*

O «*Commercio de Portugal*» está repetindo o que se disse e escreveu em França ha um seculo e por isso são velharias que de nada servem. Não fazem mal.

Veio pregar ideias contra as quaes a humanidade está já demasiadamente precavida, porque os desenganos tem sido muitos.

A mulher principiou a ser livre desde que o matrimonio catholico fora estabelecido. A sua corôa de rainha foi feita do metal com que os antigos lhe haviam fundido as cadeias do escrava, e é só depois, só depois da apparição do christianismo, que a mulher se nos apresenta cercada de gloria e grandeza, como filha, como esposa, e como mãe.

Com estes reparos enviamos ao collega os nossos emhoras pela sua chegada aos arraies da imprensa portugueza, onde nos separa maior distancia do que aquella que, em kilometros, separa as cidades onde se hastoiam as nossas bandeiras; e com os nos-

so emhoras não podemos deixar de enviar-lhe o nosso reconhecimento pela troca que se digna fazer com a nossa humilde revista.

\*\*

Os jornaes da Africa Portugueza trazem-nos a noticia importantissima de que nos dias 12 e 13 de abril fora levada á scena em Loanda a comedia do snr. Ennes, os *Lazaristas*. Vae indo bem! Já não perdemos a esperanza de ver a tal comedia representada diante dos cafres e zullús, com o que ficará immortal o obra do snr. Ennes, que é para ser conhecida por todos os povos do mundo.

E que prazer não será para s. ex.º ver os zullús de luva branca a palmejar-lhe a comedia, sem se importarem com mais nada que com o dinheiro que receberão, como os de cá, para bater palminhas!

Os heroes nascem de qualquer cousa!! Parabens ao paiz.

\*\*

E' deploravel o estado do Brazil. As ultimas noticias que nos ha communicado o ultimo correio fazem suppôr que o vasto imperio americano não tardará a ser preza das maiores calamidades. «O Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, no seu n.º de 7 de junho dava a seguinte grave noticia:

«As scenas que se passaram hontem na camara dos deputados não podem deixar de ser lamentadas. A intervenção das galerias occasionou um tumulto que obrigou o presidente a suspender por duas horas a sessão para reabrir a sómente depois de ruída força armada em numero sufficiente para fazer respeitar a ordem.

«As repetidas intervenções das galerias nos debates, já applaudindo, já reprovando, offendem o decoro da camara e perturbam a calma da discussão, infelizmente nem sempre guardada pelos mesmos deputados.

«A sahida da camara foram desrespeitados os ministros, os depositarios da mais alta authority do paiz.

«Ainda hontem presenciou esta cidade algumas scenas deploraveis. Não havendo sessão na camara dos deputados, o povo que se reunira nas immedições dirigiu-se para a secretaria da agricultura, onde os ministros estavam em conferencia. Alguns d'estes já haviam sido desacatados na sua ida para alli, e, para obstar a novos desacatos a sahida, foi preciso fazer dispersar o ajuntamento popular, empregando uma força de fuzileiros navaes. N'estes casos é difficil evitar desgraças; algumas pessoas foram feridas: parece, porém, que, felizmente, sem gravidade. D'estas apenas foi encontrado e medicado em uma pharmacia da rua da Misericordia, João Ferreira de Lima. A cidade está sendo patrulhada por tropa de linha, dobraram-se as guardas, a força conserva-se de promptidão e parece que ha ordem de dispersar qualquer ajuntamento consideravel que por ventura se forme.»

Em França, pela nova lei do exercito, são chamados a fazer serviço militar os padres. E' uma lei que só podia ser decretada pelas cabeças tresloucadas dos homens que tem em suas mãos os destinos de França. Esquecem aquelles *amigos da liberdade* que o clero serve a patria melhor que ninguem empregando-se no seu ministerio, e que com esta lei vão de encontro á liberdade, que tanto apregoam. Esperamos que isto não passe na commissão a que está affecta porque passando será mais um motivo para as nações civilisadas se rirem com vontade da tonteria do governo francez.

\*  
\* \*

Recebemos o n.º 5 da excellente revista que sob o titulo «Portugal Pittoresco» se publica em Coimbra, dirigida pelo snr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Acompanha este numero uma gravura representando a porta da capella da Universidade.

E' uma publicação interessantissima bem escripta e que muito merece ser lida. Agradecemos o numero recebido.

Temos recebido tambem os fasciculos das «Maravilhas da Creação», até ao n.º 12, publicação feita em Lisboa.

São magnificas as gravuras que acom-

panham todos os numeros e é nitida a impressão feita em bom papel, etc., etc.

Não podemos ainda ler os numeros que nos tem sido offercidos, mas pela rapida analyse que temos feito parece-nos uma publicação muito curiosa, e digna de occupar lugar d'honra no gabinete dos estudiosos.

Fomos mimoseados com dois exemplares d'uma pequena brochura que tem por titulo «Escapulario azul celeste.» O titulo está de persi a dizer o assumpto do livro, e por isso, e pela approvação que tem do exc.º e rev.º snr. bispo do Porto, podemos recommendar a sua leitura.

Vende-se por 80 réis na rua de Santa Catharina, 78, Porto.

Agradecemos a offerta, e fazemos votos porque se espalhe.

Está em distribuição, o fasciculo 14 da «Historia dos Papas,» por Chantrel, que chega até paginas 100 do 2.º volume; dentro em pouco será distribuido o 1.º fasciculo do 3.º volume que está quasi prompto. Este 3.º volume principia com o pontificado de Alexandre VI, o Papa que mais calumniado tem sido pelos inimigos da Igreja. A calumnia é alli desmentida formalmente e Alexandre VI apparece á luz da Historia como um Papa digno.

Recommendamos a sua leitura a todos que amam a verdade.

J. DE FREITAS.

#### Ao Commercio do Minho

Ha mais de dois mezes que nos não visita este nosso estimado collega, apesar de lho havermos enviado *constantemente* a nossa folha.

A outra cousa que não seja esquecimento não podemos attribuir tal falta, e a ser assim aguardamos do novo a visita do collega.

#### Aos nossos assignantes

Pedimos desculpa das irregularidades que se têm dado na distribuição da nossa revista. Bem contra nossa vontade só ao principiar o 2.º anno as poderemos evitar. Até então contamos com a benevolencia dos nossos assignantes, o que assaz agradecemos.

## CORREIO SEM FRANQUIA

*Cartas recebidas desde 23 de junho e a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa*

Dos exc.ºs snrs.:

Firmino Lopes Figueiredo. — Os livros serão enviados breve

Luiz Pinto de Souza. — Os numeros que faltam vão ser reimpressos e depois os enviaremos.

M. J. Machado de Moraes. — Recebemos a quantia enviada e agradecemos as indicações que nos faz, que tentaremos aproveitar.

José Alves Torres. — Mudada a direcção. N.º 4 vai reimprimir-se.

Padre Constantino Alvarez. — Expedimos o n.º 15 que faltava.

Abade Frederico Botelho da Silva Canavarro. — Pedimos desculpa do descuido que se deu, pois que nem em aberto estava a assignatura.

João Albino Freire. — Agradecemos as assignaturas que se dignou enviar-nos. Mandamos os numeros que faltavam como

nos indicou, menos os 2 e 4 que serão reimpressos. Não tem sido nossa a culpa das faltas que se tem dado.

João Maria da Conceição Baptista. — Dirijimos o jornal conforme a indicação.

Padre José da Silva Guedes. — Enviamos os livros pedidos faltando o segundo das Respostas que mandaremos logo que nos cheguem mais.

Antonio Augusto de Moura e Vasconcellos. — Mudada a direcção a todos os nomes que mandou.

Padre Antonio Coelho Diniz. — Recebemos as assignaturas enviadas, que assaz agradecemos. Expedimos todos os numeros excepto os que tem de reimprimir-se.

Padre José Cactano Correia de Sá. — Recebemos o importe da assignatura que agradecemos.

Prior Francisco José de Souza. — Recebemos o vale enviado, que agradecemos

assim como agradecemos o que nos promette.

Padre Agostinho Salvador Ferreira. — O n.º 4 irá logo que seja reimpresso.

Padre Agostinho de Souza Gonçalves. — Agradecemos as assignaturas enviadas, que ficam pagas. Enviamos os numeros publicados, entregues os livros e póde v. s.º fazer quando queira a assignatura que deseja.

Herculano Augusto de Medeiros. — Faremos como ordena.

Manuel Vieira Mendes da Silva. — Satisfeitas as assignaturas, que agradecemos. Livros enviados excepto *Duas obras de Misericordia*, que estão a brochar, e irão no proximo paquete, bem como o brinde.

Francisco José Nogueira Guimarães. — Recebemos a quantia enviada que agradecemos. Jornaes enviados. Livros e conta no proximo vapor, porque estão a encadornar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas — rua de S. Damazo, 50 a 54 — Guimarães